



SOBRE ÁGUA NO SEMIÁRIDO BRASILEIRO

POLÍTICAS HÍDRICAS PARA CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO EM ASSENTAMENTO RURAL NO CARIRI PARAIBANO

Suayze Douglas da Silva¹, Verônica Pereira de Medeiros², Prof. Dr. Anieres Barbosa da Silva³

¹ Universidade Federal da Paraíba, email: suayzedouglas@hotmail.com

² Universidade Federal da Paraíba, email: veronicamedeiros.geo@hotmail.com

³ Universidade Federal da Paraíba, email: anieres@uol.com.br

INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivo compreender a convivência com o semiárido através de políticas hídricas no Assentamento Serra do Monte, inserido no município de Cabaceiras, que, por sua vez, situa-se na região do Cariri paraibano. Essa região localiza-se na porção Centro-Sul do Estado da Paraíba e tem uma extensão territorial de aproximadamente 11.192,01km², o que equivale a pouco mais de 20% do território paraibano. É composta por vinte e nove municípios, sendo doze inseridos no Cariri Oriental e dezessete no Cariri Ocidental, e conta com uma população de 185.235 habitantes, dos quais 79.696 habitam na zona rural (IBGE, 2010). De acordo com Souza (2008), os Cariris Velhos (Cariri paraibano) têm como elementos comuns do seu conjunto de paisagens os baixos índices pluviométricos, as temperaturas médias elevadas (cerca de 27°C), déficits hídricos acentuados, a caatinga hiperxerófila, a ocorrência de secas periódicas e as limitações do solo, os quais são rasos e muitas vezes apresentam alto teor de salinidade, o predomínio de cidades pequenas e a baixa densidade demográfica.

A localização dessa região exerce papel fundamental na compreensão dos baixos índices pluviométricos aí dominantes, isso porque o Cariri está situado no fim do percurso dos fluxos úmidos que se direcionam para o semiárido nordestino e em situação de sotavento, fazendo parte da





SOBRE ÁGUA NO SEMIÁRIDO BRASILEIRO

diagonal mais seca do Brasil, com médias pluviométricas de cerca de 500mm/ano (NIMER, 1979).

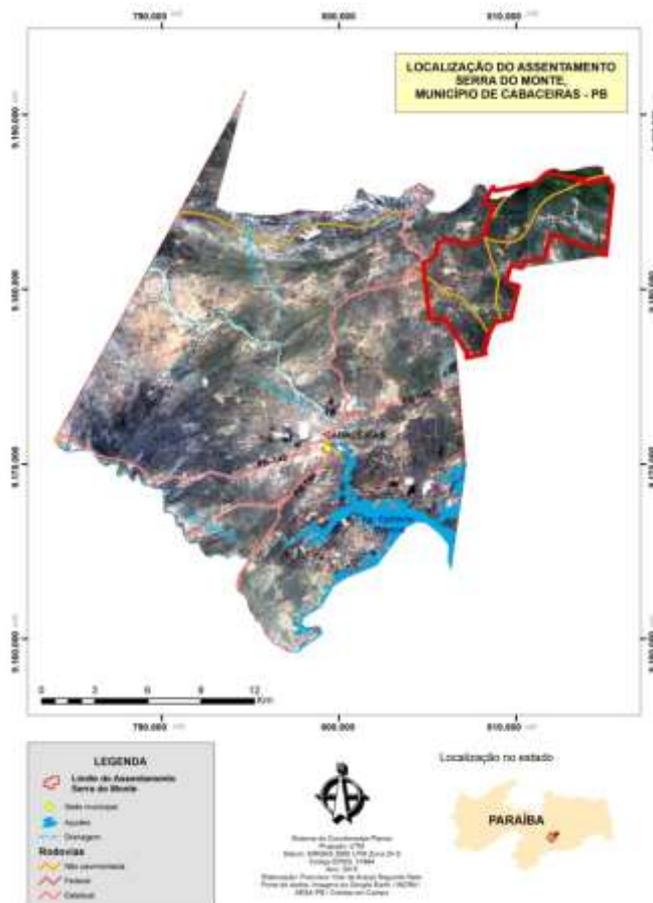
As características climáticas do Cariri paraibano nos levaram a refletir sobre o papel desempenhado pelas tecnologias sociais hídricas, sobretudo nos espaços rurais, para a reprodução da vida e para a permanência no campo. Nesse sentido, optou-se por realizar o estudo no Assentamento Serra do Monte (Mapa 01), o qual se encontra a uma distância de 16 km da cidade de Cabaceiras. O Serra do Monte possui uma área de 5.127,2197 hectares, estando dividido em lotes de 36 a 38 ha para cada uma das 101 famílias. Além disso, existem 1.047,3733 ha de Reserva Legal e 179,3726 ha de área de Preservação Permanente.

Mapa 01 – Recorte espacial da área de estudo.





SOBRE ÁGUA NO SEMIÁRIDO BRASILEIRO



METODOLOGIA

Na elaboração desse trabalho, diversos procedimentos de pesquisa foram utilizados, dentre eles destacam-se: levantamento bibliográfico, coleta de dados secundários e trabalhos de campo. Esses procedimentos de pesquisa foram utilizados no intuito de ampliarmos o conhecimento teórico sobre os conceitos que norteiam a pesquisa, estabelecer uma aproximação com a temática do trabalho, e manter o contato com a realidade vivenciada pelos os sujeitos sociais. A análise das experiências e dos resultados decorrentes dos usos de tecnologias sociais e práticas voltadas à





SOBRE ÁGUA NO SEMIÁRIDO BRASILEIRO

convivência com o semiárido estão fundamentadas em uma abordagem descritiva-reflexiva.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante muito tempo a situação de fome, pobreza e atraso econômico do Nordeste foi debitada na conta das secas, das condições físico-climáticas da região. Tal pensamento desencadeou o surgimento de uma série de proposições que apresentavam soluções voltadas para o combate à seca e não aos seus efeitos, numa tentativa de mudar a realidade natural. O fato é que grande parte dos estudos feitos do século XVII até meados do século XX sugeriam a solução hidráulica como forma de tentar “salvar o Nordeste”, prevalecendo, dentre esta, a construção de grandes reservatórios de água e a irrigação (SILVA, 2010).

Contudo, a partir do ano de 2000, entra em debate a concepção de convivência com o semiárido para pautar não apenas as discussões sobre o semiárido nordestino, mas, sobretudo, a adoção de novas práticas e ações que possibilitem ao homem do campo a permanência na região. Com isso, vêm sendo modificadas as maneiras de intervir na realidade local, principalmente no que se refere às políticas públicas voltadas para as questões hídricas e educacionais.

Ao contrário da política de açudagem, a concepção de convivência com o semiárido acredita na possibilidade de adaptação da população às condições físico-climáticas da região, admitindo que a seca é um fenômeno natural que traz adversidades, empecilhos e limitações ao desenvolvimento socioeconômico da região, mas não determina seu subdesenvolvimento. A adaptação a essas condições trará, certamente, uma amenização dos impactos negativos causados pelas estiagens.

Nessa perspectiva, a sociedade civil vem se mobilizando e o trabalho educacional sobre como conviver com o semiárido tem sido desenvolvido por Órgãos Governamentais e Organizações Não Governamentais (ONGs) que atuam no semiárido paraibano. Desse modo, estão sendo desenvolvidas algumas experiências voltadas para o manejo do solo, da água e da biodiversidade,





SOBRE ÁGUA NO SEMIÁRIDO BRASILEIRO

com base em alternativas que utilizam tecnologias de baixo custo e buscam reduzir impactos negativos sobre o ambiente.

As tecnologias sociais, comumente oriundas de práticas alternativas inovadoras e não agressoras ao meio ambiente, “já foram definidas como produtos, técnicas ou metodologias reaplicáveis, desenvolvidas em interação com a comunidade e devem representar efetivas soluções de transformação social” (MALVEZZI, 2007, p.105).

O contato com a realidade vivenciada pelos sujeitos sociais residentes no Assentamento Serra do Monte revelou que uma das tecnologias sociais que tem demonstrado bastante eficácia no objetivo de armazenamento de água, principalmente para o consumo humano, é a cisterna de placa. Essa tecnologia social vem tendo enorme difusão por meio do Programa Um Milhão de Cisternas Rurais (P1MC) do governo federal, implantado em 2003 pela a Articulação do Semiárido (ASA), o qual vem possibilitando a concretização do paradigma de convivência com o semiárido. O objetivo dessa política hídrica é fornecer água potável para beber e cozinhar através da implantação de cisternas de placa para aquelas pessoas que moram no semiárido brasileiro. Além disso, este programa proporciona às famílias do lugar uma formação social que possibilita a compreensão de como conviver adequadamente com a semiaridez, principalmente, no que diz respeito ao gerenciamento da água e da cidadania.

Depois de cinco anos da implantação do P1MC, a ASA criou, no ano de 2007, o Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2), o qual tem como finalidade garantir o acesso a terra aos camponeses (pequenos produtores), permitir que as pessoas tenham acesso à água para o consumo e saciar a sede dos animais. Este programa foi baseado na política chinesa chamada de P1+2+1, isto é, uma terra para produzir, duas cisternas e outra tecnologia que capte e armazene água de chuva. Nesse sentido, o P1+2 foi implantado no intuito de continuar o trabalho do P1MC.

A implantação dessas tecnologias sociais e de outras, como por exemplo, poços e lagoas, podem ser considerados como um passo adiante nas formas de relacionamento do homem com o meio, na medida em que está propiciando algumas conquistas, tanto na captação de água da chuva





SOBRE ÁGUA NO SEMIÁRIDO BRASILEIRO

quanto na formação da cidadania. Isso porque as tecnologias sociais, por serem práticas e valorizar os saberes e técnicas locais, melhoram a qualidade da alimentação e da água, com desdobramentos positivos na saúde e na renda (MALVEZZI, 2007).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A concepção de convivência com o semiárido (ainda incipiente) vem comprovando que a permanência dos assentados na área de estudo se faz possível graças à implantação de políticas públicas, principalmente aquelas de uso e manejo d'água, bem como aquelas que levam em consideração os aspectos educacionais e agrícolas. Deste modo, novos olhares estão sendo direcionados para os saberes tradicionais que valorizam o conhecimento e as tradições locais, aliando-os ao conhecimento científico produzido na atualidade.

Diante dessa realidade, as estratégias que estão sendo utilizadas e difundidas passam pelas mais diversas esferas do agricultor familiar que vive no Assentamento Serra do Monte, o que está possibilitando aos sujeitos locais viverem de maneira contextualizada e respeitando as adversidades naturais da região. Para isso, os assentados buscam utilizar técnicas sustentáveis de modo a evitar o desgaste de solo e o desperdício da água.

Por fim, destacamos que no Assentamento estudado, os desafios são muitos, mas as possibilidades de convivência com o semiárido são possíveis. Para isso, faz-se necessário que as ações a serem desenvolvidas nessa perspectiva sejam postas em prática e dialogadas cotidianamente para que seja absorvida culturalmente e politicamente, o que requer um envolvimento sério e comprometimento permanente por parte daqueles que estão envolvidos com os desafios presentes no espaço semiárido.





SOBRE ÁGUA NO SEMIÁRIDO BRASILEIRO

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Banco de Dados**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 04 de agosto de 2014.

MALVEZZI, Roberto. **Semi-árido** – uma visão holística. Brasília: Confea, 2007.

NIMER, E. **Pluviometria e recursos hídricos de Pernambuco e Paraíba**. Rio de Janeiro: IBGE/SUPREN, 1979.

SILVA, Roberto Marinho Alves da. **Entre o combate à seca e a convivência com o semi-árido: transições paradigmáticas e sustentabilidade do desenvolvimento**. Reimp. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2010.

SOUZA, Bartolomeu Israel de. **Cariri Paraibano: do silêncio do lugar à desertificação**. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

